

PERCURSOS DA CORRESPONDÊNCIA ALENCARIANA

PATHS OF THE ALENCARIAN CORRESPONDENCE

Patrícia Regina Cavaleiro Pereira¹

RESUMO: Quando ouvimos alguma referência a José Martiniano de Alencar (1829-1877), lembramos imediatamente de seus escritos ficcionais; contudo, a trajetória desse célebre cearense não se restringe ao universo literário. Por ter atuado como jornalista, escritor e político, ao nos debruçarmos sobre sua correspondência, deparamo-nos com um conjunto de mais de duzentas missivas de natureza e finalidades distintas. Com este artigo, pretendo trazer, brevemente, alguns apontamentos levantados durante a minha pesquisa de mestrado e apresentar a *persona* epistolar alencariana presente nos diferentes universos percorridos por ele.

Palavras-chave: século XIX; José de Alencar; epistolografia.

ABSTRACT: When we heard some reference to José Martiniano de Alencar (1829-1877), we immediately remember his fictional writings; however, the trajectory of this famous writer born in Ceará is not restricted to the literary universe. For having worked as a journalist, a writer and a politician, when looking at his correspondence, we are faced with a set of more than two hundred missives of different nature and purposes. With this article, I intend to briefly bring up some notes raised during my master's research and to present the Alencarian epistolary *persona* in the different universes covered by him.

Keywords: XXI century; José de Alencar; epistolography.

UMA VIDA EM CARTAS

É forçoso reconhecer que a correspondência epistolar, nos moldes tradicionais vigentes até o fim do século XX, não está mais tão presente em nossas vidas. A avalanche de mensagens eletrônicas que recebemos cotidianamente, pelos mais diversos meios, não trazem a mesma grata surpresa que sentíamos quando alguém se

¹ Mestre, USP.

lembrava de nós a ponto de nos enviar algumas cuidadosas linhas traçadas de próprio punho.

Aos nossos olhos, sobretudo em decorrência do afastamento temporal, é possível compreendermos a missiva apenas como simples meio de comunicação. Se nos voltarmos a um passado não muito remoto, no entanto, notaremos a imperiosa presença das cartas que, com os seus muitos aspectos e configurações, perpassavam os mais variados contextos da esfera pessoal e da vida pública de anônimos e celebridades.

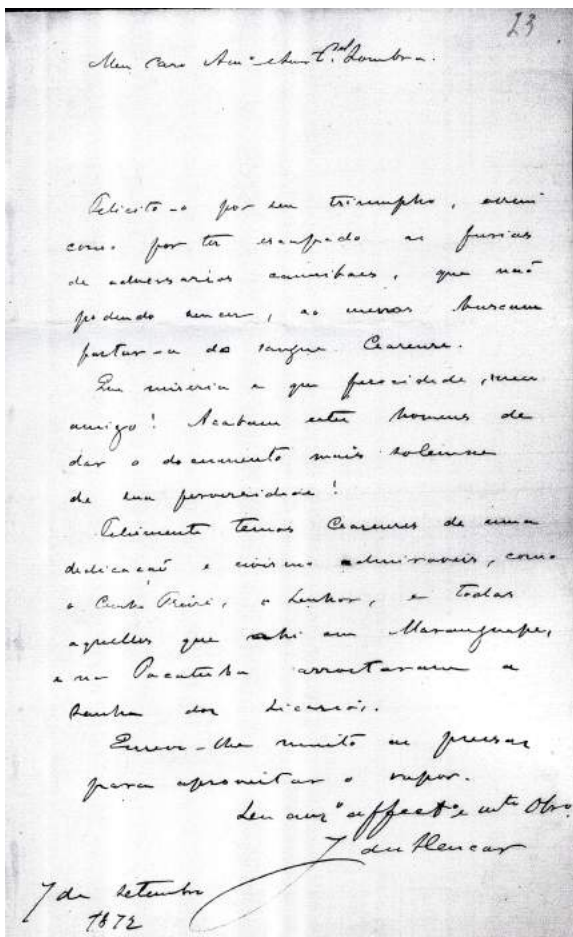
No Brasil, quando nos embrenhamos no epistolário de José de Alencar, um dos grandes nomes do século XIX, acessamos material que contribui não só para o conhecimento das relações mais íntimas, estabelecidas com afetos e desafetos, nas missivas verídicas, ou seja, efetivamente enviadas e recebidas, como também para a análise de seus projetos literários e políticos, revelados em suas cartas-abertas. Os textos em formato epistolar representam, incontestavelmente, parte muito valiosa da trajetória de vida de um dos importantes homens do nosso país, pois foram o espaço escolhido por ele para testemunhar e disseminar a constituição de sua obra.

Para que se conheça um pouco dessa correspondência, trago duas cartas que compõem o epistolário pessoal alencariano. A primeira, de 30 de abril de 1875, é destinada ao irmão Leonel (1832-1921). Nela, Alencar refere-se ao agravamento dos problemas de saúde que o acompanhavam desde a juventude e menciona a angústia que sentia ao pensar no destino da família após sua morte.

Meu caro Leonel [...] Eu continuo a sofrer minha bronquite já vai para 4 anos e não cede. Tenho tido não só escarros de sangue, como hemoptises. Tive uma o ano passado e outra este. Ainda tenho esperança de que sejam da traqueia ou garganta, mas isso entristece-me muito. Cada vez me firmo mais na ideia de ir à Europa. Já deixei o escritório, e conto partir em abril de 1876. Vou viver pobremente, pois não conto seguros senão oito contos de rendimento sujeitos [à] variação do câmbio e tenho 6 filhos, como v. sabe. Às vezes tremo dessa temeridade, mas a convicção de que o clima do Rio de Janeiro me é nocivo e que preciso retirar-me dele por dois anos, pelo menos, obriga-me a prescindir da

minha habitual prudência. Seria pra mim uma fortuna que v. pudesse transferir-se para algum canto da Europa, pois embora não pudéssemos residir na mesma cidade, pois sou obrigado a procurar clima temperado, contudo nos veríamos frequentemente. [...] Adeus, meu caro Leonel. Espero eu que em breve possa abraçar-te antes de partir para a Europa. Seu irmão am.º obr.º J. de Alencar. (MENEZES, 1977, p. 61-62).

A segunda é de 1872, quando, já na maturidade, o autor de *Iracema* escreve para um amigo de infância — Joaquim José de Sousa Sombra (1819-1911), militar cearense —, parabenizando-o por conquistas profissionais. “O fac-símile da carta autógrafa foi divulgado no catálogo do 12º Leilão de Livros Raros e Papéis Antigos realizado na cidade de São Paulo, em 03/10/2009.” (PEREIRA, 2012, p. 47).



Meu Caro Amigo e Tenente Coronel Sombra.

Felicitoo por seu triunfo, assim como por ter escapado às fúrias de adversários canibais, que não podendo vencer, ao menos buscam fartar-se do sangue Cearense.

Que miséria e que ferocidade, meu amigo! Acabam estes homens de dar o documento mais solene de sua perversidade!

Felizmente temos Cearenses de uma dedicação e civismo admiráveis, como o Cunha Freire, o senhor, e todos aqueles que aí, em Maranguape, e na Pacatuba arrastaram a sanha dos sicários.

Escrevo-lhe muito em pensar para aproveitar o vapor.

Seu amigo afetuoso e muito obrigado.

J. de Alencar.

7 de setembro
1872

Como era de se esperar, devido às diferentes finalidades dos textos da correspondência alencariana, a *persona* desse epistolário apresenta variações significativas de tom. Nas cartas públicas, levadas a lume por periódicos ou em formato de panfleto, temos um Alencar polemista e aguerrido, que investia contra os adversários e estava pronto para a defesa em meio às altercações nas quais se envolvia. O Alencar “público” utilizou-se das missivas como meio que o auxiliou na concretização dos projetos que idealizava: as cartas-abertas foram suas aliadas em diferentes momentos da carreira literária e política. Já nas missivas que concernem à vida privada, encontramos um epistológrafo de personalidade muito reservada, avesso a confidências que o comprometessem, dono de um estilo sempre formal e protocolar, mesmo quando escrevia a amigos ou familiares.

Outro aspecto dessa correspondência que merece ser destacado é o fato de José de Alencar ter se valido com regularidade do recurso epistolar para a difusão de seu projeto de nacionalização da literatura brasileira e, no entanto, não haver vestígios da concepção de sua obra na troca de cartas que manteve com os mais próximos ou com seus pares, escritores. Nas missivas alencarianas, como nas de grande parte dos literatos dos anos 1800, no Brasil, não há referências ao processo de criação de romances, peças de teatro e outros escritos ficcionais. Ou seja, diferentemente do material de gênese literária que existe no epistolário de intelectuais brasileiros do século XX, na correspondência de José de Alencar, ativa e passiva, não temos um “canteiro de obras”, um “laboratório da produção literária” (MORAES, 2007, p. 63), não há comentários, questionamentos, considerações que remetam a traços da efetiva construção de seus textos.

Em contrapartida, é válido lembrarmos da abundante presença epistolar em sua ficção. “Portadoras de boas-novas ou de tribulações, as cartas estão entre os elementos narrativos [muito] presentes nas tramas alencarianas. Nelas, a missiva

contribui, via de regra, para o rompimento e restabelecimento do fluxo narrativo, sendo também, na maioria das vezes, peça determinante na criação de afortunados desfechos para os enredos.” (PEREIRA, 2016, p. 312).

Como a inserção de cartas em narrativas não foi exclusividade alencariana, pois tratava-se de artifício de muitos autores de romances-folhetins, podemos crer que o emprego do texto epistolar estivesse diretamente relacionado à técnica de escrita folhetinesca em geral, visto que a presença da missiva — costumeiramente no final dos folhetins e, via de regra, muito instigante — fazia com que os leitores permanecessem interessados na história e adquirissem o periódico seguinte; sendo esse, evidentemente, apenas um dos fatores que podem justificar tamanha utilização desse expediente nesse tipo textual. Valorizando mais uma vez o gênero epistolar, portanto, ao lançar mão com frequência da carta como recurso “complicador” de suas tramas ficcionais, José de Alencar deu a elas uma atribuição relevante também na construção de muitas de suas narrativas.

Esses concisos apontamentos já nos fazem refletir acerca das diferentes faces da produção epistolar alencariana — cartas privadas ou públicas, reais ou fictícias — e nos conduzem para um caminho de reflexão sobre o papel da missiva nos diferentes contextos percorridos por ele, levando-nos, inevitavelmente, para os seus grandiosos projetos epistolares.

CARTAS & PROJETOS

Menino franzino e de baixa estatura, aluno dedicado e enfezadinho do professor Januário Ferreira, José Martiniano de Alencar (1829-1877) parece não ter passado por muitas mudanças em seu porte físico ou nos traços marcantes de sua personalidade durante os seus quarenta e oito anos de vida.

Tornou-se, com o decorrer do tempo, um homem obstinado e, por vezes, polêmico nos diferentes projetos que abraçou. Sempre dedicado às letras, utilizou-se vigorosamente da escrita nos ofícios desempenhados em sua breve existência.

Quando jovem, exerceu a advocacia e atuou na imprensa fluminense, mas foi pela literatura e política que enveredou de maneira intensa e definitiva. Foi autor de artigos de teor jurídico e político, crônicas de periódicos, romances-folhetins, peças de teatro e de cartas, muitas e variadas cartas.

Entre os meses de junho e agosto de 1856, ainda jovem redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, José de Alencar marcou sua entrada definitiva no círculo literário fluminense ao redigir e publicar, sob o pseudônimo de Ig.,² oito polêmicas *Cartas sobre A Confederação dos Tamoios*.³ Esses textos precederam outros — escritos mais uma vez em formato epistolar — que fizeram parte do projeto literário alencariano composto por outros ensaios muito significativos: *A Comédia Brasileira* ou *Como e por que sou dramaturgo*,⁴ *Como e por que escrevi Iracema*⁵ e *O Nosso Cancioneiro*.⁶

Nessas cartas-abertas, ele difundia reflexões sobre a estética romântica e a respeito da instituição da literatura nacional, apresentava considerações que iam de aspectos sobre a constituição do que, a seu ver, seriam a verdadeira prosa, poesia e dramaturgia brasileira a apontamentos relacionados à língua portuguesa empregada

² Alencar (1960, vol. IV, p. 863), na nota que precede as *Cartas*, afirma que o pseudônimo “foi tirado das primeiras letras do nome Iguazu, heroína do poema”.

³ Poeta da “Confederação dos Tamoios”, Gonçalves de Magalhães (1811-1882), que era então o mais célebre vate das letras pátrias, foi alvo de duras críticas do jovem José de Alencar. Segundo Antonio Candido (2007, p. 49), o autor de *Suspiros Poéticos e Saudades* “foi aclamado como fundador da literatura verdadeiramente nacional e reverenciado por um grupo de fervorosos seguidores.” Como era de se esperar, a publicação das cartas provocou a manifestação dos “amigos do poeta”, personalidades como Manuel José de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), Frei Francisco de Monte Alverne (1784-1858) e o monarca Pedro II (1825-1891).

⁴ Missiva publicada como carta-aberta pelo jornal *Correio Mercantil*, em 07/11/1857, e em forma de folhetim, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 14/11/1857.

⁵ Trata-se de dois ensaios-epistolares destinados a Domingos José Nogueira Jaguaribe (1820-1890), primo de José de Alencar, publicados em forma de prefácio e posfácio à primeira edição do romance *Iracema* (1865).

⁶ Conjunto de cinco missivas publicado no periódico *O Globo* em 1874.

no Brasil;⁷ no cerne das missivas publicadas, encontravam-se sempre elementos-base de seu projeto de nacionalização da literatura brasileira.

Nas *Cartas sobre A Confederação dos Tamoios*, critica a composição de Gonçalves de Magalhães e reflete sobre o papel que o genuíno vate brasileiro deveria desempenhar no processo de formação da literatura nacional. Escrevendo para Francisco Otaviano,⁸ defende-se de Paula Brito⁹ e apresenta os princípios do que acreditava ser o verdadeiro teatro brasileiro, no ensaio epistolar intitulado *A Comédia Brasileira*.

Nas missivas a Domingos Jaguaribe,¹⁰ publicadas como prefácio e posfácio de *Iracema* (1865), o escritor defende-se novamente da crítica e adianta-se no tempo ao expor seu ponto de vista sobre a “língua brasileira”;¹¹ tema que desenvolveu mais uma

⁷ Sobre esse aspecto, lembra-nos Candido (2002, p. 63) que, para colocar em prática seu projeto literário, José de Alencar “[...] quis forjar um estilo novo, adequado aos temas e baseado numa linguagem que, sem perder a correção gramatical, se aproximasse da maneira brasileira de falar. Ao fazer isso, estava tocando o nó do problema (caro aos românticos) da independência estética em relação a Portugal. Com efeito, caberia aos escritores não apenas focalizar a realidade brasileira, privilegiando as diferenças patentes na natureza e na população, mas elaborar a expressão que correspondesse à diferenciação linguística que nos ia distinguindo cada vez mais dos portugueses, numa grande aventura dentro da mesma língua.”

⁸ Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889), jornalista carioca e grande amigo de José de Alencar, foi o destinatário do missivista em a *Comédia Brasileira*.

⁹ Francisco de Paula Brito (1809-1861), redator-chefe d’*A Marmota Fluminense*, redigiu um artigo com críticas à peça *O Demônio Familiar* (1857).

¹⁰ Domingos José Nogueira Jaguaribe (1820-1890), juiz e político cearense, primo de José de Alencar; é o destinatário do escritor nas cartas destinadas aos leitores de *Iracema*.

¹¹ No tocante ao “abrasileiramento” da língua portuguesa, não devemos nos esquecer que, antes de tornar-se tema defendido pelos modernistas, no século XX, a questão da nacionalidade do idioma foi um dos tópicos presentes nas discussões de românticos; na obra de José de Alencar, em especial. “Apesar de conhecer muito bem o idioma e escrever com perfeita correção, [José de Alencar] flexibilizou a língua e procurou tonalidades diferentes para descrever a natureza e a sociedade” (CANDIDO, 2007, p. 57). José de Alencar é precursor de Mário de Andrade (1893-1945) na questão linguística, pois ambos acreditavam na relevância da pesquisa sobre a língua nacional e em sua competência comunicativa. Retomando as palavras do poeta paulistano, extraídas do rascunho de uma carta a Ronald de Carvalho, encontramos a visão pragmática do autor de *Paulicéia Desvairada* quando ele afirma que a “língua foi feita pra servir. E nada mais [...] tem de ser uma máquina pra exprimir *nosso* pensamento.” (PINTO, 1990, p. 459).

vez nas cartas a Joaquim Serra,¹² publicadas no conjunto epistolar chamado *O Nosso Cancioneiro*, no qual também faz apontamentos sobre poesia popular regional.

Quanto à vereda política, além da troca efetiva — com amigos e inimigos, dentre eles, o imperador — de muitas cartas e numerosos bilhetes, as vinte e seis *Cartas de Erasmo*,¹³ panfletos elaborados entre 1865 e 1868, foram marcantes em sua trajetória. Os textos, que agitaram o cenário político e incomodaram D. Pedro II, também favoreceram o fortalecimento da imagem e a consequente inserção de José de Alencar no mesmo universo a que seu pai pertenceu.¹⁴

É possível, portanto, a partir do patriotismo notado, principalmente por meio da valorização da história como matéria-prima privilegiada, compreender a correspondência literária-aberta na qual era nítida a inserção de traços que ratificavam, sempre, os aspectos nacionalistas defendidos por Alencar por meio da presença do elemento pátrio em diferentes campos literários: o teatro, o romance, o texto biográfico, a crítica e até mesmo a língua. (PEREIRA, 2012, p. 85).

Admirado por Machado de Assis e considerado um dos patriarcas da nossa literatura, nas palavras de Antonio Candido, José de Alencar “[...] ocupou o proscênio durante o espaço de uma geração e, apesar de ter morrido relativamente cedo, foi o primeiro escritor que se impôs à opinião pública como figura de eminência equivalente aos governantes, aos militares, aos poderosos.” (CANDIDO, 2007, p. 57).

¹² Joaquim Serra (1838-1888), poeta e jornalista maranhense, mais um dos destinatários das cartas-abertas alencarianas.

¹³ As *Cartas Políticas de Erasmo ao Imperador* e as *Novas Cartas Políticas de Erasmo ao Povo* encontram-se no quarto volume da *Obra Completa* de José de Alencar. A reunião completa das missivas de Erasmo, no entanto, foi feita por José Murilo de Carvalho em 2009. O historiador inseriu em sua organização as *Novas Cartas de Erasmo ao Imperador*, ausentes da obra completa, e trazidas à luz por Tâmis Peixoto Parron em sua dissertação de mestrado “A política da escravidão no império do Brasil: 1826-1865” ou *Cartas a favor da escravidão*. (Ed. Hedra, 2008).

¹⁴ José Martiniano Pereira de Alencar (1794-1860), pai do escritor, foi um político liberal. Participou da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824. Foi presidente da província do Ceará duas vezes (entre 1834-37 e 1840-41) e se tornou senador pela mesma província em 10/04/1832, cargo que exerceu até o fim da vida.

Esse escritor cearense foi uma das peças-chave na formação da história da literatura do Brasil. Há diferentes registros do debate sobre “cor local” em suas missivas publicadas pela imprensa: tema muito exaltado pelos românticos e desenvolvido com predileção por Alencar nas esferas literárias por que passou. Em “Bênção Paterna”, prefácio a *Sonhos d’Ouro* (1872), ensaio importantíssimo de sua obra, no qual apresenta uma de suas definições de nacionalidade literária, Alencar coloca a seguinte questão: “A literatura nacional que outra coisa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização?” (ALENCAR, 1960, vol. I, p.495).

No texto mencionado, o autor de *O guarani* apresenta seu grandioso projeto literário: abarcar as diferentes esferas da sociedade brasileira em sua produção ficcional.¹⁵ Era de se esperar, portanto, que tal intento fosse aberto de alguma forma à crítica e ao público leitor, e o gênero epistolar foi o escolhido por ele, muitas vezes, em diferentes momentos de sua carreira, para difundir as diretrizes de seu projeto.

Dada a forte presença de cartas-abertas no cotidiano do público letrado do século XIX, ao escolher o gênero epistolar para a elaboração de seus ensaios e permitir que eles fossem lidos por aqueles que desejassem, Alencar lançava luz sobre suas ideias, estreitava vínculos com o leitor — fosse ele um amigo ou um desafeto —, que podia adentrar em suas propostas, e, fundamentalmente, se projetava nos circuitos a que pertencia.

¹⁵ De acordo com Antonio Candido (2007, p. 57): “Inspirado pelo exemplo da *Comédia humana*, de Balzac, [José de Alencar] tencionou representar os diversos aspectos do país, inclusive em épocas passadas, através de narrativas ficcionais cujo pressuposto formal era a liberdade da expressão brasileira em relação às normas portuguesas.” Em outro artigo, o autor de *Formação da literatura brasileira* refere-se ao romancista afirmando que sua obra é “[...] bastante ambiciosa. A partir de certa altura, Alencar pretendeu abranger com ela, sistematicamente, os diversos aspectos do país no tempo e no espaço, por meio de narrativas sobre os costumes urbanos, sobre as regiões, sobre o índio.” (CANDIDO, 2002, p. 63).

Marcos Moraes (2008, p. 09), especialista em epistolografia, nos lembra que “[...] a carta/texto tanto pode ser ‘material auxiliar’, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escrita que valoriza a função estética/poética; ou, ainda, ‘texto literário’ nas paragens do romance epistolar...”. Levando em conta que Alencar foi um escritor que optou pela missiva até mesmo quando decidiu elaborar sua autobiografia,¹⁶ podemos apreender a grandiosidade de sua correspondência e de sua criação epistolar, e encontrar espaço para análises da sua produção carteadora, em todos os seus meandros.

Antes de finalizar esta sucinta explanação, gostaria de deixar a indicação de um primoroso documento que registra a singular correspondência entre Alencar e Machado de Assis; trata-se de duas cartas-abertas, publicadas em 1868 pelo *Correio Mercantil*, que tinham como tema a apresentação do poeta Castro Alves à sociedade literária fluminense. Aos que tiverem acesso, os recortes do periódico, “que trazem emendas autógrafas — entregues por Mário de Alencar, [filho do escritor,] em 11/01/1922, a Afrânio Peixoto (1876-1947), então membro da Academia Brasileira de Letras, instituição na qual os documentos são conservados, [precisamente], no Fundo José de Alencar do Arquivo Múcio Leão.” (PEREIRA, 2012, p. 122).

A CORRESPONDÊNCIA, UMA PESQUISA

“Testemunho do indivíduo que escreve, testemunho do grupo ao qual pertence ou tenta se integrar, bem como representação contínua de uma ordem social, a carta se encontra ‘na encruzilhada’ dos caminhos individuais e coletivos.” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 25). Com essa colocação, é possível imaginar a responsabilidade que o manejo de uma correspondência relativamente volumosa e antiga demanda

¹⁶ Trata-se de *Como e por que sou romancista* (1893).

daquele que se propõe a conhecê-la com mais profundidade. Nestas últimas linhas, gostaria de trazer as diretrizes gerais, elementares, da pesquisa sobre a correspondência alencariana, que culminou em uma dissertação de mestrado concluída em 2012.

Primeiramente, no que concerne o conteúdo, saliento que ao menos um volume de cartas e outros documentos, quatro importantes biografias sobre o escritor e dois importantes trabalhos acadêmicos¹⁷ foram consultados, pois tratava-se de publicações nas quais já estava disponível, de maneira difundida, a transcrição de boa parte das missivas. Com o intuito de complementar os estudos já existentes, foram localizados e levados a lume, na dissertação, sessenta e um fac-símiles de missivas que estão resguardadas em diferentes instituições brasileiras. São elas: o Arquivo Histórico/Museu Histórico Nacional (RJ), o Arquivo Histórico/Museu Imperial (RJ), o Arquivo Múcio Leão/Academia Brasileira de Letras (RJ), o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ) e a Seção de Manuscritos/Biblioteca Nacional (RJ).

Acerca dos critérios de disposição do material, é pertinente mencionar que, em decorrência das atividades exercidas por Alencar, os textos epistolares relacionados aos diferentes âmbitos de sua vida (pessoal, jornalístico, literário e político) foram separados de acordo com o tema basilar das cartas, que também estão dispostas em dois grandes grupos: correspondência ativa e passiva; ou seja, missivas de fato enviadas e recebidas, respectivamente. No quadro abaixo, apresento os números exatos de cada um dos conjuntos epistolares.

¹⁷ Trata-se das biografias publicadas por Luís Viana Filho, Oswaldo Orico, Raimundo de Magalhães e Raimundo de Menezes, e das dissertações de mestrado de Kátia Mendes Garmes e Tâmis Parron.

	correspondência ativa	correspondência passiva	correspondência total
<i>cartas pessoais</i>	27	5	32
<i>cartas jornalísticas</i>	8	3	11
<i>cartas literárias</i>	21	25	46
<i>cartas políticas</i>	116	74	190
número final de cartas			279

PEREIRA, 2012.

Ao final de três anos e nove meses de bastante dedicação à pesquisa, a tarefa de transcrever, anotar, organizar e apresentar os conjuntos epistolares foi concluída. Disponível no repositório virtual de teses e dissertações da Universidade de São Paulo, desde agosto de 2012, e em versão impressa na Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas pertencente àquela instituição, a correspondência reunida de José de Alencar concorre para uma maior “reflexão sobre a singularidade da epistolografia alencariana, podendo servir como fonte para novas pesquisas sobre vida e obra [desse homem de tantas letras], bem como sobre aspectos da literatura e da política do século XIX.” (PEREIRA, 2012, p. 19).

Com a apresentação desse breve artigo, espera-se divulgar a existência da correspondência alencariana e atrair o olhar de novos leitores que se interessem não apenas pelos percursos pessoal e profissional de José de Alencar, como também por questões relacionadas ao Brasil, de uma maneira geral. Conhecendo as cartas, trocadas com mais de setenta correspondentes, encontramos instrumento que contribui para uma melhor análise e compreensão dos anos 1800 e, conseqüentemente, de muito do

que advém desse período, que ainda nos cerca, e permanecerá marcado em nossa história.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *Obra Completa*, vols. I e IV. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*, 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Trad. Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MENEZES, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1977.

MORAES, Marcos Antonio de. "Sobrescrito". In *Teresa: revista de literatura brasileira/área de Literatura Brasileira*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo — N° 8/9. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. "A epistolografia de Mário de Andrade: memória da criação". *Patrimônio e Memória: Universidade Estadual Paulista (UNESP)*. Assis, N°1, vol. 3, p. 63-70, 2007.

PARRON, Tâmis Peixoto. *Cartas a favor da escravidão*. São Paulo: Hedra, 2008.

PEREIRA, Patrícia Regina Cavaleiro. "*Há muito tempo que não te escrevo...*": reunião da correspondência alencariana (edição anotada). 430 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo — USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-31082012-095814/pt-br.php>. Acesso em: 03 ago. 2020.

_____. "Cartas e ficção, um capítulo da obra alencariana". In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, N° 64, p. 310-323, ago. 2016.

PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

Recebido em: 20/08/2020

Aceito em: 14/10/2020